



DIPLOMACIA / Em reunião com o líder da China, presidente da Rússia reconhece que aliado mostrou preocupação sobre conflito na Ucrânia e criticou tentativas de criar "mundo unipolar". Especialistas avaliam impacto nas relações entre países

Xi Jinping endurece o tom sobre a guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

No dia em que o mundo reagiu com indignação à descoberta de mais uma cova coletiva na Ucrânia, o presidente da China, Xi Jinping, expressou "preocupação" com a guerra, durante reunião com o colega russo, Vladimir Putin, em Samarkand (Uzbequistão). O chefe do Kremlin tentou amainar a postura de Pequim e agradeceu ao aliado pela "posição equilibrada" em relação à guerra na ex-república soviética. "Valorizamos muito a posição equilibrada de nossos amigos chineses quando se trata da crise na Ucrânia. Nós compreendemos suas questões e preocupações sobre isso. No encontro de hoje, nós explicaremos a nossa posição", declarou Putin.

Não ficaram claros quais seriam os principais incômodos de Pequim em relação à invasão à Ucrânia, às vésperas de completar sete meses. O jornal britânico *The Guardian* enumerou como principais inquietações dos chineses a crise econômica deflagrada pelo conflito e a ameaça de Moscou lançar uma guerra energética total contra a Europa. O primeiro encontro entre Xi e Putin ocorreu à margem da cúpula da Organização de Cooperação de Xangai (OCS), que começou ontem e terá duração de dois dias. O evento terá a presença, ainda, dos líderes da Índia, do Paquistão, da Turquia, do Irã e de outras nações. Putin também afirmou que "as tentativas de criar um mundo unipolar tomaram recentemente uma forma absolutamente horrível e são completamente inaceitáveis". Foi uma crítica indireta aos Estados Unidos.

A agência de notícias estatal chinesa Xinhua omitiu qualquer menção de Xi à Ucrânia. O líder da China assegurou que os dois

países têm mantido "uma estreita coordenação no cenário internacional para manter as normas básicas de relações internacionais". "Em face das mudanças do mundo, dos tempos e da história, a China trabalhará com a Rússia para cumprir suas responsabilidades como grandes nações e desempenhar um papel de liderança em injetar estabilidade em um mundo de mudanças e de desordem", acrescentou Xi. A China desenvolveu laços econômicos e estratégicos com a Rússia, e Xi demonstrou aval à "soberania e segurança" do gigante eurasiático.

Neutralidade

Vicente Ferraro, cientista político e pesquisador do Laboratório de Estudos da Ásia da Universidade de São Paulo (USP), lembrou ao **Correio** que a China não se posicionou nem contra, nem diretamente a favor da invasão à Ucrânia. "Pequim busca manter a neutralidade e, ao mesmo tempo, tem feito declarações controversas. Em algumas ocasiões, argumentaram que entendem as motivações para a Rússia ter iniciado uma 'operação militar especial' na Ucrânia", avaliou.

De acordo com Ferraro, a China se preocupa com o conflito pelo fato de a Rússia ser um de seus principais aliados geopolíticos. "Um eventual escalonamento da guerra pode prejudicar a concepção de ordem multipolar que russos e chineses objetivam construir. Desde os anos 2000, Pequim e Moscou se aproximaram para um projeto de antagonismo político em relação aos Estados Unidos. Se a guerra tomar proporções ainda maiores, a ideia de multipolaridade defendida pelas duas nações poderá sofrer alguns reveses", alertou.

Por telefone, Peter Zalmayev — diretor da ONG Eurasia

Alexandr Demyanchuk/Sputnik/AFP



A China trabalhará com a Rússia para cumprir suas responsabilidades como grandes nações e desempenhar um papel de liderança em injetar estabilidade em um mundo de mudanças e de desordem"

Xi Jinping,
presidente da China

Democracy Initiative (em Kiev) — admitiu ao **Correio** que Xi fez críticas a Putin sobre a Ucrânia, "porém, de um modo bem orientado". "Não foi uma condenação direta, mas algo que ficou nas entrelinhas. Putin esperava um forte endosso por parte de Pequim, pois os russos têm enfrentado uma situação muito difícil em meu país", disse. "As forças de Moscou sofreram uma grande derrota na região de Kharkiv, no leste. O presidente da Rússia viu-se forçado a alegar que a China adota uma posição relutante sobre o conflito. Putin foi meio que colocado contra a parede."

Para Zalmayev, a mudança de posição de Xi sobre a invasão

à Ucrânia, que se aproxima do sétimo mês, deixa Putin em uma condição complicada. "A China é o aliado mais forte da Rússia, um dos principais pilares de apoio para o Kremlin. Se Pequim retirar o suporte, Putin poderá desmoronar muito em breve. Depois disso, Xi poderá exigir que a desventura na Ucrânia termine logo", afirmou. Ele não descarta que a nova posição da China possa isolar a Rússia. "No primeiro dia dos Jogos Olímpicos de Inverno, Xi e Putin assinaram um tratado de amizade. A China não costuma romper com aliados rapidamente; então, o processo, se ocorrer, será lento."



Valorizamos muito a posição equilibrada de nossos amigos chineses quando se trata da crise na Ucrânia. Nós compreendemos suas questões e preocupações sobre isso"

Vladimir Putin,
presidente da Rússia

Vala comum descoberta perto de Kharkiv

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, anunciou ontem a descoberta de mais uma "vala comum", dessa vez em Izyum — cidade reconquistada pelos soldados de seu país das mãos dos ocupantes russos durante a contraofensiva em Kharkiv (leste). "Queremos que o mundo saiba o que a ocupação russa provoca", declarou Zelensky, que não forneceu detalhes sobre o número de cadáveres no local ou a causa da morte. "Teremos mais informações verificadas e claras amanhã",

acrescentou, em sua mensagem de vídeo diária.

No entanto, Sergui Botvinov, chefe da polícia da região de Kharkiv, afirmou à emissora Sky News que 440 cadáveres foram descobertos em Izyum. "Posso dizer que é uma das maiores covas em uma cidade libertada. São cerca de 400 corpos enterados em um só lugar." Ao ser questionado por jornalistas sobre como as pessoas morreram, ele respondeu: "Sabemos que algumas delas foram executadas, outras morreram por causa do

fogo de artilharia. Algumas em bombardeios. Temos relatos de que muitos corpos não foram identificados, e as razões das mortes serão esclarecidas durante as investigações."

Em entrevista ao **Correio**, Anatoliy Tkach, encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia em Brasília, classificou como "chocantes" as informações sobre o que ocorreu em Izyum. "Não é possível, sem muita dor, receber as notícias tão tristes. Vimos imagens semelhantes às que os bárbaros

russos fizeram, por exemplo, em Bucha e em outras cidades nas proximidades da capital ucraniana, onde até agora foram encontrados corpos dos 1.360 civis mortos. Em todo lugar que sofreu a ocupação russa, os ocupantes deixaram os mesmos vestígios: civis mortos e torturados, destruição da infraestrutura civil e roubo de tudo o que estivesse ao alcance", afirmou. "Todos os crimes de guerra estão sendo documentados e investigados para trazer os responsáveis à Justiça." (RC)

Presidência da Ucrânia/Divulgação



Túmulo com mais de 440 corpos no meio da floresta, em Izyum

HUNGRIA

Frederick Florin/AFP



Sessão em Estrasburgo: resolução tem caráter não-vinculativo

Parlamento Europeu vê "autocracia eleitoral"

O Estado de Direito na Hungria foi degradado ao ponto de o país se tornar "um regime híbrido de autocracia eleitoral", destaca uma resolução do Parlamento Europeu aprovada por 433 votos a favor, 123 contra e 28 abstenções. O texto, de 48 páginas, "lamenta profundamente que a falta de ação decisiva" da União Europeia (UE) tenha permitido que isso acontecesse na Hungria, país governado desde 2010 pelo nacionalista ultraconservador Viktor Orban.

A resolução também pede às instituições europeias que

"prestem mais atenção ao desmantelamento sistêmico do Estado de Direito" no país. O serviço de imprensa do Parlamento Europeu sublinhou que "a Hungria não pode mais ser considerada uma democracia plena". A Resolução (não-vinculativa) solicita ao Conselho Europeu que "emita recomendações à Hungria o mais rapidamente possível (...), pedindo-lhe que cumpra todas as sentenças e recomendações" adotadas.

Os eurodeputados também apelaram à Comissão Europeia "que faça pleno uso dos

instrumentos disponíveis para lidar com o risco evidente de uma grave violação por parte da Hungria dos valores em que a União se baseia". De acordo com o texto, a Hungria não deve receber fundos para recuperação pós-pandemia se não cumprir as recomendações da UE sobre o Estado de direito e as decisões judiciais.

Insulto

No fim da tarde, o governo húngaro denunciou a votação, chamando-a de "insulto" aos

húngaros, segundo o ministro das Relações Exteriores, Peter Szijjarto. "Considero um insulto aos húngaros que eles questionem as capacidades democráticas da Hungria", declarou o ministro em uma entrevista coletiva em Budapeste, expressando sua surpresa que "alguns" na UE "humilhem" seu país.

A UE adotou o chamado Mecanismo de Condicionalidade, pelo qual cada país do bloco somente poderia receber recursos para sua recuperação se o respeito ao Estado de Direito fosse verificado internamente.